



Adão e Eva: e a plausível história ainda não acabou?!

PALAVRAS-CHAVE: Gênese, cientificismo, literalidade, desconstrutivismo, veredictão ética da verdade.

KEY-WORDS: Genesis, scientism, literalness, deconstructionism, ethic verediction of truth.

A arte da existência e o discurso verdadeiro, a relação entre a existência bela e a verdadeira vida, a vida na verdade, a vida para a verdade, é um pouco isso que eu queria tentar captar.

(Michel Foucault, *A Coragem da Verdade*)

O homem é habitado pelo silêncio e vazio. Como saciar sua fome, como povoar seu vazio?

(Octávio Paz, *Um mais além erótico: Sade*)

Se o poeta veio ao mundo para “desflorar florestas virgens” pelo texto tal qual uma aventura na areia inexplorada, deixou marcas que certamente feriram suscetibilidades alheias. Teve coragem, teve-a, desenhou seus próprios pés no “longe” e na “miragem”, amou os abismos da poesia, o deserto da desventura e em torrentes falou a verdade.

Quem nunca principiou nem acabou no percurso parresíástico no sentido pleno e positivo do termo, como um orador corajoso, orador que diz sinceramente a veracidade nua e crua, assim foi Régio, reconhecido pela leitura de suas poesias. Essa democracia violenta dos sentidos e da palavra expressiva perpassou a crítica dos conformados, dos que amam o que é fácil. Ultrapassou, pela sua “loucura” consciente, as “estradas”, os “jardins”, os “canteiros”, as “pátrias” daqueles piedosos e bem intencionados instaurados na vida fácil e estacionados no sistema estabelecido de valores.

Como um vendaval de franqueza, o poeta, sinônimo de veridicção, enfrenta o perigo da parrésia, aquela liberdade dos corajosos, entendida numa latitude transtemporânea própria dos seres devotados à comunidade leitora, por meio de um discurso poético veraz. Buscando pelo pensamento utilitário, seus textos recheados de opiniões nefastas, para muitos até nocivas, entrelaçam tudo isso na máxima busca da liberdade de expressão, a de “não ir por aí” (Régio, 1972: 57). Seguindo seus próprios passos indo além da impotência, tenta valer

seu discurso verdadeiro, ciente da “glória de criar desumanidade”, afinal o que é o humano, uma verdade não assumida nas tribunas dos pensadores, da ética, da moral, das instituições científicas e filosóficas? A arte teria essa missão, essa força, essa meta de veracidade, será o seu destino, função, missão?! Sobre Régio, cobrem-lhe os méritos de divulgar uma tendência vincada a confessar artística e intelectualmente a expressão paradoxal das emoções, dos sentimentos e propositadamente sua compreensão da vida.

Pesquisador da psicologia humana, adequada à crença na poesia como forma de desvendamento da verdade ôntica do ser humano, Régio, tematicamente, desenvolveu um elenco de enquadramentos dos impasses dos mistérios da existência. Trilhou os caminhos que levam a situações conflitantes entre a religião e o Homem; a noção do espírito e sua grandeza frente à fragilidade da carne; as inquietações do indivíduo e da sociedade como um sistema estratificado; a consciência e a frustração diante das dúvidas dos sentimentos; a solidão tão querida e suas vicissitudes e as consequências da sinceridade.

Com sua pena sempre em guarda, Régio não mais o mítico Job que sofre as suas feridas com resignação, proclama aos ventos: “Viver / é para mim, duvidar / Desvairar / Interrogar / Procurar-me / Torturar-me...” / (ibid.: 77). Enfim a revelação de um eu cognoscente à procura por meio da poesia, da parrésia, o discurso verdadeiro que prevaleça sobre o discurso do falso. Assim este pensamento se amolda à realidade socrática, ao pólo da *alétheia* e do “dizer-a-verdade” bem como ao pólo da formação do sujeito no *éthos*, pelo qual os seres se tornam sujeito de conduta moral.

Em águas de Michel Foucault, a partir de suas aulas a respeito do tema “A Coragem da Verdade”, aporta-se nos conceitos de veracidade em relação às conquistas da Ciência e suas relevantes considerações em nível especulativo que servem para a fundamentação da veridicção filosófica: “Porque o que faz precisamente que o discurso filosófico não seja simplesmente um discurso científico, que [se limitaria a] definir e pôr em jogo as condições do dizer-a-verdade [...]” (Foucault, 2011: 59).

Por essa razão é que a poesia vai além, institui a verdade corajosa, amparada por uma textualização ardente, bela e viva de subjetividade advinda de um eu lírico cuja poeticidade postula que o real jamais é dado de direito ao ser humano, este, por sua vez, persegue esse direito pela busca valente de estimular sua capacidade de ter acesso à clarividência dos fatos. Essa capacidade lhe é facultada pelo conhecimento adquirido formalmente. Esses fundamentos são legitimados quando um livre pensador paga o preço da inquietação, num ato de transformação icnoclástico, num movimento de um Eros expressivo. A forma dessa busca pressupõe, em Régio, uma investigação pela sinceridade, por meio do Amor e pela força tantálica do desejo intenso e irrequieto da curiosidade, fonte do conhecimento humano.

Por essa etimologia, em grego, a *alétheia* se manifesta pelos olhos, quase na acepção de “visual”, de visível. Conhecer é “ver” e dizer a verdade. Conforme a pungência do latim, *veritas* compreende a precisão, o vigor de um relato, do enunciado que descreve o fato, tal qual

ele é, conformando-se com a *alétheia* grega. As coisas e os fatos, ou são reais ou são imaginários, seus respectivos relatos e enunciador é que são verdadeiros ou falsos. Portanto esse viés não abre mão de espaços para o perspectivismo, idiosincrasias, ou mesmo da liberdade interpretativa, ficando sua base na literalidade.

Condenado ao mundo da natureza, o Homem como um “caniço pensante” aquele ser que Pascal previu, olha seu corpo, percebe sua mente e o mundo ao redor e vê-se desarmado para clarear os caminhos da vida. A luz que o arrancaria das trevas estaria na Filosofia, na Arte ou agora nas Ciências?

A procura continua pelas regras da existência e do comportamento ideal, para tanto pensar é o movimento, a “actio” real do sujeito, movimento real do pensamento, que assim se eleva acima do mundo natural, às custas dos impulsos ousados daquele ser condenado à submissão das espécies vivas à máquina do mundo. É aí que o mito bíblico adâmico se instala como referência e suporte para várias considerações e reproduções mentais e também artísticas.

Num primeiro esboço metalinguístico, pensar-se-ia na lição psicanalítica da representação paradisíaca expressa na analogia biofisiológica do útero feminino, local de proteção e harmonia da mãe com o feto. As dores do parto e a conseqüente expulsão do ventre perfazem o mito da Queda de Adão e Eva nas planícies das relações de causa-efeito, desencorajadoras e prementes de um mundo hostil e misterioso.

Para tal questionamento, no nível intelectual, os textos bíblicos e, no caso, a parte da Gênese referente ao episódio de Adão e Eva, consideram é que o significado não se reporta a uma expressão de um determinado autor-sujeito, antes como revelação de uma superconsciência relatora. Sendo assim estes textos se dispõem como um espelho em frente ao outro face ao percurso interpretativo, exigindo, a priori, um leitor operador competente para a interpretação do programa principal no qual o discurso primário, ou seja, a literalidade apresenta-se intrinsecamente como um ponto lógico de partida.

O nível parabólico e simbólico se reportam ao nível da linguagem e no plano contextual, bem como num nível cognitivo especializado e num nível pragmático estabelecido pela Teologia. Com isso os textos instauram um discurso preso a uma instância interpretativa de super intelectualização. Os integrantes do “Groupe d’Entrevernes” ao estudarem semanticamente os signos e parábolas dos evangelhos apresentam um regime de procedimentos. Quanto à interpretação: “l’audition de la parabole requiert de l’auditeur une compétence de jeu: à la fois narrative et sémantique” (Groupe d’Entrevernes, 1977: 155).

Quando José Saramago foi interpelado por Carreira das Neves, a respeito do uso literal da Bíblia, respondeu que a interpretação literalista tem um valor primordial para a seqüência de conjecturas de um texto simbólico e teológico. Para tanto Saramago questiona e põe em dúvida a autorização para vãos exegéticos tão altos e tão tendenciosos e chega até a dizer que, se haveria tantas leituras, porque não valeria apenas uma única, afinal trata-se de um

“vade mecum” ou seja, textos para uso existencial, estabelecendo a *praxis* de condutas morais e éticas.

São essas possibilidades de leituras que tendem a transformar o texto bíblico numa obra literária e até poética, recusando a viabilidade de uma mão única hermenêutica. No entanto o que se quer é a verificação desses textos que afinal são diacrônicos e portanto necessitam de uma atualização para o pensamento moderno.

Para esta focagem textual e analítico-dissertativa se estabeleceram dois enredos de dois *corpora* retirados do primeiro volume de poesia de *Poemas de Deus e do Diabo* no qual José Maria dos Reis Pereira usou pela primeira vez o pseudônimo José Régio. Já aí se estabelece um paradigma na trajetória poética do autor, a mostrar a exemplaridade de seu poder criativo.

De temática pouco reconfortante para um leitor desavisado e acomodado, essa obra inaugural apresenta um fato relativo a uma linguagem de pendor luxuriante e lascivo, esbarrando em questões morais e sexuais, desnudando a complexidade de valores ortodoxos do real. Nos versos dos poemas “Adão e Eva” e “História para Crianças Grandes”, a documentabilidade de um eu poético avassalador quanto ao verdadeiro e objetivo sentido da condição humana, perspectiva a figura dual do Bem (Deus) e do Mal (Diabo) e logicamente entre eles os pais primitivos assimilados, nas figuras de Adão e Eva, como personagens de uma trama punitiva a serem explorados interpretativamente pelo eu lírico.

A narratividade dos poemas se prende ao étimo bíblico genesíaco e parece não abandoná-lo. Inclusos a essa narração, aparecem momentos de reflexão ordenados dissertativamente a um raciocínio de cunho revelador da parrésia, como o que se segue:

Olhámo-nos um dia,
 E cada um de nós sonhou que achara
 O par que a alma e a carne lhe pedia.
 E cada um de nós sonhou que o achara...
 E entre nós dois
 Se deu, depois, o caso da maçã e da serpente,
 ... Se deu, e se dará continuamente:
 Na palma de tua mão,
 Me ofertaste, e eu mordi, o fruto do pecado.
 – O meu nome é Adão... (Régio, 1972: 21)

Na parte incoativa do poema “Adão e Eva”, o percurso narrativo estabeleceu a apresentação dos sujeitos em questão, o homem Adão e a mulher Eva, ou hominídeos africanos, fermentado nas “evoluções mitocôndricas da seleção natural das espécies vivas” (Pinker, 1998: 219). Os motivos temáticos da questão recorrem ao étimo genesíaco no “caso da maçã e da serpente”. No entanto, num aparte, o poeta versifica que “... Se deu, se dará continuamente”. Desse modo o poeta registra o devir incontrollável da espécie humana com vistas à eterna busca de conhecer. Mais adiante o percurso poemático expõe pela eroticidade o conheci-

mento mútuo dos corpos dos amantes, ou seja, o desejo como fonte primitiva e primária de cognição pelo Eros:

E em que furor sagrado
 Os nossos corpos nus e desejosos
 Como serpentes brancas se enroscaram,
 Tentando ser um só!

Ó beijos angustiados e raivosos
 Que as nossas pobres bocas se atiraram,
 Sobre um leito de terra, cinza e pó!

Ó abraços que os braços apertaram,
 Dedos que se misturaram!

Ô ânsia que sofreste, ó ânsia que sofri,
 Sede que nada mata, ânsia sem fim!
 – Tu de entrar em mim,
 Eu de entrar em ti.

Assim toda te deste,
 E assim todo me dei:

Sobre o teu longo corpo agonizante,
 Meu inferno celeste,
 Cem vezes morri, prostrado...
 Cem vezes ressuscitei
 Para um dor mais vibrante
 E um prazer mais torturado. (Régio, 1972: 22)

Neste segmento a descrição dos momentos de volúpia e paixão demanda a perspectivação dos sentimentos humanos, os quais na sequência poemática mostram os corpos dos venerandos pais, que se encontram num ambiente místico unguído por um “furor sagrado”, e não passam de corpos biologicamente concebidos, concupiscentes, completamente “nus e desejosos”. Ainda o poema alude, analogicamente, às “serpentes brancas” que se “enroscam”, fundado no conhecimento intertextual da narrativa bíblica do mito da criação.

No “Posfácio” de 1969, Régio equaciona a concepção de “sinceridade” com a criação artística presencista, como um fado a ser cumprido pela condição humanitária do artista, presa a um certo vigor e clareza de certa forma irmã das leis científicas: “o fenómeno artístico é uma realidade objetiva. Como quaisquer outros fenómenos, há-de ser aceite e estudado por quem a sério quiser falar dele” (ibid.: 145).

Na sequência de suas observações, ainda expõe a universalidade do fenómeno humano de forma intemporal na medida em que não se pode “conceber fora do humano o quer que do homem venha - e por mais desumano que pareça [...]” (ibid.: 167).

A essa tentativa de uma revelação da verdade psicobiológica do ser, liga-se o empenho único do fazer poético. O mais humano revela-se numa flagrante constatação dos elementos íntimos de suas necessidades psicofisiológicas e instintivas. Na sequência, é assim que Saramago, em *Caim*, apresenta sua Eva, aquela que mais tarde no relato da Criação e do viver no Paraíso, solitária, desobedece ao seu Supremo Criador ao comer do fruto proibido da árvore do conhecimento do Bem e do Mal. Um “Bem” que poderia ser traduzido mais tarde como as grandes e belas realizações da sociedade humana e um “Mal” como as infelizes ações destruidoras também produzidas por essa mesma sociedade humana. Na narrativa bíblica, para cada consequência, existe uma causa provocadora do fato cometido, e para tanto os resultados, ou efeitos, desse episódio, surge o comentado pecado original que segundo o autor “nunca ficou bem explicado”.

Dando continuidade à narratividade primordial do deslize do casal primordial, segue-se a maldição, resultado do não cumprimento da vontade do Criador do Universo e assim seguiram-se a sequência de desculpas: a de Adão colocando a culpa em Eva e Eva colocando a culpa na Serpente. Ninguém se salvou, sendo o casal expulso do Jardim do Éden e a serpente amaldiçoada na sua condição de ofídio pestilento.

Episodicamente, expulso do paraíso do Bem, o casal, agora, pela narrativa de Saramago, em seu livro *Caim*, vai morar numa cavidade na rocha, uma rústica caverna, mais claramente dizendo. Ali se defendem dos animais ferozes e do sol inclemente, cobrem-se de peles a lhes tapar as “vergonhas”, ignorados e afastados do antigo paraíso. Assim a condição humana é cristalizada pela desobediência e pela curiosidade. Nisto, Eva resolve, à sua maneira, pedir ajuda ao anjo de nome Azazel, guardião da porta do Éden. Quando Eva chega ao portão, segue-se o episódio no melhor estilo Saramago. E assim o anjo Ezeiel falou a Eva:

Que queres, perguntou o anjo, Tenho fome respondeu a mulher, Não há aqui nada que possas comer, Tenho fome, insistiu ela [...] estamos no meio de um deserto que não conhecemos e onde não se vê um caminho, um deserto onde durante estes dias não passou uma alma viva, dormimos num buraco, comemos ervas, como o senhor prometeu, e temos diarreias. (Saramago, 2009: 66)

Na narrativa frontalmente crua, e não poderia ser de outra maneira, a “fome” expressa a grande tragédia da humanidade, e para as dialéticas do autor, não valeria questionar teologicamente considerações profundas e apologéticas acerca do pecado da Queda, mas reter-se ao domínio da verdade inconcussa, incontestável da sensação fisiológica da fome e suas implicações socioeconômicas que advirão posteriormente.

Nesse discurso a preocupação é com as verdades naturais básicas, tais como a dos seres abandonados à própria sorte, e assim é o desejo do autor enveredar pelas agruras do real fenomenológico da natureza humana, um discurso franco e franqueado à parresía, ao fisiologismo e a considerações extremadas da Sociologia Humana e toda uma postura pós-moderna e desconstrutivista.

Saramago não deseja mais que isso em sua obra *Caim*, ou seja, corajosamente em suprir as lacunas bíblicas, com explicações mundanas, substanciais e plenas de concretude. Toma como princípio supor uma secularização questionadora dos episódios genesíacos de maneira literalista, e em seguida argumenta a essência da condição humana dos venerandos pais, aquele casal antropóide agora pelas lições darwinistas propostas pelo evolucionismo.

O que se viu na sequência foram textos cujos autores questionavam no texto bíblico da Gênese, aspectos que versam acerca da mitologia como ideologia cristã, problematizadores dessa mesma mitologia. Essa postura inquisitiva como filosofia do real propõe a expressão biopsicofísica dos sentidos, numa nova semântica do mais humano, conforme uma aproximação racional e quase cientificamente especulativa das personagens envolvidas. Há, também, um delineamento de uma problemática sócio-afetiva expressa pelas marcas de uma ideologia social entre o casal primitivo, longe da ordenação do Criador. Portando, a criatura pós-bíblica se nutre de sua própria existência como risco, alimentando-se cruamente da liberdade e do desamparo face à nova vida que lhes resultou. Questiona-se, assim, de forma desafiadora, a realidade mitológica da Teologia como fonte de verdade cultural. O código discursivo bíblico é problematizado e considerado como etnografia, enfocado criticamente face à história da cultura ocidental.

O compromisso é outro, mantido agora como um raciocínio pós-moderno que inverte a equação Homem igual a Anjo. Além do interesse em criar, concorre, também, a inverção de valores, pelo ato poético que se vê preso a outro compromisso, o de descobrir o outro lado da perquirição da verdade ou um outro “aspecto da verdade” biológica do ser humano, ou seja, nascer, sobreviver, procriar e morrer, e além de tudo, ser feliz.

Ainda na continuidade, Ortega Y Gasset de forma ensaística, em seu *Adão no Paraíso e outros ensaios de estética*, deduz de forma desafiadora que:

Deus, com efeito, não é senão o nome que damos à capacidade de se encarregar o fazer-se as coisas. Portanto, se Deus criou o homem à sua semelhança, quer dizer que criou nele a primeira capacidade para se dar conta de que, fora de Deus, existirá. (Ortega Y Gasset, 2002: 33)

No sentido contrário ao “venerável texto”, outra capacidade é facultada à criatura que não coincide com a vontade original divina: toda a clarividência do criador não supôs que da árvore do conhecimento, adviria uma sabedoria desafiante quanto à potência divinal e à vontade do ser criado, formatando a “distância que há entre se dar conta de uma coisa e de um problema, entre perceber e saber” (ibid.: 34).

Com Adão passa a existir a vida imprudente, “Adão foi o primeiro ser que, vivendo, sentiu a si mesmo viver. Para Adão a vida existe como um problema” (ibid.: 34). Com isso conclui Ortega Y Gasset: “que Adão no paraíso é a vida simples e pura, é o débil suporte do problema infinito da vida” (ibid.: 34). Em suma, para o autor, o grande problema para a vida seria o Homem, uma escatologia autocentrada no gênero humano como fonte única de vida pensante e autodeterminante da animalidade.

A estética de existência, o “Lógos e o Bíos”, ampliam-se na figura do “Anthropos”, como representação da espécie humana consciente, o filho do Homem, que Jung consecutivamente resgatou psicologicamente como também transformou em analogias para explicar as manifestações heréticas em relação às Escrituras primitivas (Jung, 1986: X).

A mútua entrega do casal genesiaco, pelo fator afetivo do latente Eros, é mostrada no poema “Adão e Eva” de Régio como almas e corpos que se entregaram, na completude harmônica de “duas metades”, amoldadas uma a outra: “Ante as barbas, que tremeram, / Do velho Pai desprezado! / E assim Eva e Adão se conheceram: / Tu conhecestes a força dos meus pulsos, / A miséria do meu ser, / Os recantos da minha humanidade, / A grandeza do meu amor cruel [...]” (Régio, 1972: 23).

Uma enorme objeção, fundamentada na exceção da gnose divina, proporcionada pelo verbo temático “desobedecer”, desdobra-se eroticamente no ato do conhecimento do corpo, atribuído num grande feito de “acesso à verdade”. Segundo Foucault, em *A Hermenêutica do Sujeito*, desobedecer é a fonte do programa gnóstico das ciências especulativas. Combinando a prática com a desejabilidade, alcançam esses venerandos pais o equilíbrio dos extremos (Foucault, 2010: 13).

A expulsão do Jardim do Paraíso, para Greimas, em *Des dieux et des hommes*, em suas incursões acerca do Criador e da Criatura, revela, no simbolismo da maçã o qual é compreendido a despeito do conceito moral e teológico aí inscrito, como uma subversão à simbologia da maçã como fruto proibido para depois tornar clara a noção emblemática do “desejo de amor” (Greimas, 1985: 92), num programa narrativo ampliado, no qual à maçã são atribuídos poderes concupiscentes e gnoseológicos consubstanciados na busca da Beleza, ultrapassando, por essa maneira, o campo semântico da santidade e da intemperança como pecado, dito teologicamente como “pecado original” da carne (ibid.: 92). Lógico, tratando-se de uma interpretação literalista do texto bíblico.

Convergindo para uma ampliação destas considerações, Umberto Eco em *Os Limites da Interpretação*, privilegia a defesa do sentido literal, ao dispor que “todo discurso sobre a liberdade de interpretação deve começar por uma defesa do sentido literal” (Eco, 1995: 09).

Admitindo-se que esse princípio possa parecer, além de conservador, simplista e reducionista, ele acrescenta: “E é sobre essa firme intenção que hoje se trava quando parte do debate sobre o sentido, sobre a pluralidade dos sentidos, sobre a liberdade do intérprete, sobre a natureza do texto, na palavra, sobre a natureza da semiose” (ibid.: 11).

Colocando em questão o mito da Queda desse venerando casal, Robert Alter, em *A Arte da Narrativa Bíblica*, afirma que “nossos primeiros ancestrais não tinham direito a muita individualidade e, portanto, não eram exatamente «personagens de ficção»” (Alter, 2009: 52), dessa proeza, cabendo a Saramago e Régio, a manipulação de uma linguagem, no caso prosaica e poética, pode-se ter acesso a um grau, segundo Alter de “interioridade moralmente problemática”, a uma pertença qualificante da vida exteriorizada (ibid.: 52).

Na esfera da sequência narrativa centrada no eixo temático estabelecido no programa narrativo de Adão e Eva no Gênesis, veem-se a curiosidade de Eva, o envolvimento com a serpente, o comer da maçã, o ato de desobediência, e a consequente sanção na expulsão do casal do Éden, configurando a perturbação do plano inicial de harmonia. Verifica-se, nesse processo, uma semântica semionarrativa mais exigente com relação ao pecado do ponto de vista divino e a virtude do conhecer do ponto de vista antropológico, por um princípio teomático da verdade procedente de um raciocínio especulativo dos autores envolvidos.

A questão bíblica da gênese da vida focada no casal venerando acerca da discussão sobre a origem da vida em termos científicos não seria assim tão simples. A respeito dos primitivos seres edênicos, agora, a operacionalidade das Ciências compartilha a questão do parentesco humano com a família dos monocelulares, aqueles protozoários primitivos. Para tanto a vida é um sistema de reações químicas autônomas que extrai sua subsistência do ambiente externo e é dotada de capacidade de se reproduzir. Já que tudo teria surgido de uma reação, cuja explicação implica numa “sopa pré-biótica repleta de micro-organismo, e a questão se desenvolve em termos assimétricos em que cada aspecto concreto resulta quimicamente em relíquias primordiais” (Gleiser, 2010: 243).

Para tanto, Eça de Queirós, em seu “Adão e Eva no Paraíso”, interpõe na questão da criação do homem, o seu casal neandertal, fossilizado num discurso conceitualmente darwinista do realismo cientificista do século XIX.

Aceitar o pacto com a parresía neste momento desta sequência de considerações, presume unir e reconciliar os momentos essenciais e fundamentais do pensamento intelectual da cultura no tempo. É um risco de hostilidades assumido pelos escritores e poetas, filósofos e cientistas aqui mencionados. Como afirma Foucault, em *A Coragem da Verdade*: “Digamos portanto, muito esquematicamente, que o parresiasta não é o profeta que diz a verdade desvelando, em nome de outro e enigmaticamente, o destino. O parresiasta não é um sábio, que, em nome da sabedoria, diz, quando quer e sobre o fundo do seu próprio silêncio, o ser e a natureza (a *phýsis*)” (Foucault, 2011: 24/25).

Para tanto essa sondagem das coisas francas põe às claras um discurso moralmente verdadeiro do *éthos* dos escritores aqui citados que têm a sua veridicção presa à seriedade da palavra e no jogo conceitual de suas afirmações. No entanto, uma condição se apresenta primordialmente necessária no que diz respeito ao ambiente de liberdade de expressão garantido por um sistema político democrático. Assim a objeção e a irritabilidade dos receptores desavisados se prestam a contrabalancear e mesmo embasar os fundamentos de um discurso amplamente franqueado ao dizer-a-verdade sem preconceitos e inibições, em suma sem medo.

A ética da verdade, suas condições morais concernentes ao mais humano do “antropos”, é centralizada por esses intelectuais que por aqui passaram, através de um discurso em cujas superfícies textuais, estabelece a construção de um diálogo com um receptor atento à manutenção da reflexão ocidental da gênese humana fruto do pensamento europeu, que agora se

impõe como uma questão de busca da veracidade sobre o questionamento da pureza ou da purificação do sujeito, de forma abalizada pelas ciências antropológicas.

Daí, quanto ao Mito da Queda, estar-se atento ao relato extremamente franqueado pela literalidade, cujo percurso ideológico empreendido catarticamente por Régio, Saramago, Eça e Ortega Y Gasset, se abre à investigações corajosas contradizendo o sistema teológico. Essa catarse envolve-se de um racionalismo fecundo em termos de uma herança cientificista do século XIX à qual o criacionismo e o evolucionismo são pontos de partida para as resoluções de uma ética mais verossímil como prática existencial em sua materialidade, e como um viés moderno de solução aos enigmas intocáveis pela tradição retórica.

Assim a plausível história ainda não acabou, caberia nesta parte terminativa um trecho de Steven Pinker de seu livro *Como a Mente Funciona*, acerca dessa veneranda mãe, no qual mais questões se apresentam:

[...] a Eva mitocôndrica de 200 a 100 mil anos atrás não foi nenhum participante de algum evento evolutivo. Contrariamente a alguns fantásticos mal-entendidos, ela não sofreu uma mutação que deixou seus descendentes mais espertos, mais faladores ou menos brutos. Tampouco ela assinala o fim da evolução humana. Ela é meramente uma necessidade matemática a mais recente ancestral comum de todas as pessoas vivas na linha feminina de tataratataras... tataravós. Por essa definição, Eva poderia ter sido um peixe. (Pinker, 1998: 219/220)

Logicamente que se descobriu pela paleoantropologia que Eva não foi um peixe, mas uma homínideia africana. A busca da reconstrução da história evolutiva da raça humana implica em múltiplas controversas, e o conhecimento convencional está sempre em transformação. Uma coisa é certa: a mente humana e o modo de vida evoluem juntamente no tempo e no espaço das conjecturas.

Por ora, o poema de Marcelo Gleiser, ainda longe de ser uma poesia, estabelece estes conceitos de sequencial, à procura ainda de uma poeticidade que o ancore no melhor da tradição literária:

Vida!

Ninguém testemunhou o que estava para acontecer.
 A água e a terra já existiam;
 Matéria inerte chovia dos céus.
 O calor abrasava a terra, secava os mares.
 O mundo ardia, coberto por nuvens de fumaça.
 Que ar era esse? Que terra? Que mar?
 Tremores sacudiam o solo, misturando seus ingredientes.
 Ondas lambiam a terra, no ir e vir do mar.
 Algumas coisas afundavam; outras borbulhavam.
 De repente, um resfriamento; uma paz efêmera.
 No lado primordial, moléculas entram em ação.
 Formas acidentais; divisões espontâneas.

O devir experimentando ser.
 Atrações e repulsões, mais moléculas formadas e destruídas.
 Uma cresceu mais do que as outras,
 engolfou as outras.
 Enrolou-se num círculo, mordeu-se a si mesma e, vibrando,
 dividiu-se em duas.
 E assim foi.
 Duas viraram quatro. Quatro. Oito.
 A vida, ou algo como ela, havia começado.
 Não como eu e você. Mas também eu e você. (Gleiser, 2010: 221)

Arrazoando as ousadas investidas biotécnicas da Genética e da Cibernética, ao dispo-rem livremente células da vida humana, quem fecha, provisoriamente, o círculo polifônico adâmico aqui estabelecido é Jürgen Habermas com um excerto de seu livro *O Futuro da Natureza Humana*, o qual ultrapassa de forma hipermoderna a hipermoralidade do assunto aqui tratado num esclarecimento discursivo dos sentimentos aqui constituídos sobre a nova eugenia dos tempos moderno:

Quando se considera que os “outsiders” da medicina já estão trabalhando em reprodutores de organismos humanos, impõe-se a perspectiva de que em pouco tempo a espécie humana talvez possa controlar ela mesma sua evolução biológica. “Protagonistas da evolução” ou até “brincar de Deus” são as metáforas para uma “autotransformação da espécie”, que parece iminente. (Habermas, 2004: 30)

Bibliografia

- ALTER, Robert (2007). *A Arte da Narrativa Bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras.
- AUROUX, Sylvain de WELL, Yvonne (1991). *Dictionnaire des auteurs et des Thèmes de la Philosophie*. Paris: Hachette.
- ECO, Umberto (1995). *Os Limites da Interpretação*. São Paulo: Perspectiva.
- FOUCAULT, Michel (2010). *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes.
- (2011). *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes.
- GLEISER, Marcelo (2010). *Criação Imperfeita: cosmo, vida e o código oculto da natureza*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record.
- GREIMAS, Algirdas Julien (1985). *Des Dieux et des Hommes*. Paris: Presses Universitaires de France.
- GROUPE d'ENTREVERNES (1977). *Signes et paraboles, Sémiotique et texte evangélique, avec une étude de J. Geninasca et une postface de A. J. Greimas*. Paris: Éditions du Seuil.
- HABERMAS, Jürgen (2004). *O Futuro da Natureza Humana: a caminho de uma eugenia liberal?* São Paulo: Martins Fontes.
- JUNG, C. G. (1986). *Aion, estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- LUHMANN, Niklas (s.d.). *O amor como paixão, para a codificação da intimidade*. Lisboa: Difel.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1994). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- ORTEGA Y GASSET, José (2002). *Adão no paraíso e outros ensaios de estética*. São Paulo: Cortez.
- PAZ, Octávio (1999). *Um mais além erótico: Sade*. São Paulo: Ed. Mandarim.

PINKER, Steven (1998). *Como a Mente Funciona*. São Paulo: Companhia das Letras.

QUEIRÓS, Eça de (1989). *Contos*. Lisboa: D. Quixote.

RÉGIO, José (1972). *Poemas de Deus e do Diabo*. Porto: Brasília Editora.

SARAMAGO, José (2009). *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras.

SISCA, Marcos (2009). "A desconstrução de Jacques Derrida". In Thomas Bonnici e Lucia O. Zollin. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. rev. e ampliada. Maringá: Eduem.

VV.AA. *A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento* (1962). (Traduzida em português segundo a Vulgata Latina pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo). Volume I. Rio de Janeiro: Livros do Brasil S.A.

.....

RESUMO

O presente artigo procura fazer uma reflexão em torno do tema Adão e Eva, tendo como base autores conhecidos cujos textos apresentam aspectos que versam acerca da mitologia como ideologia cristã, problematizando-os a partir do conhecimento científico contemporâneo em coligação com os sentidos de uma atualizada rede de operadores analíticos fundados numa metalinguagem preocupada com a expressão biopsicofísica da semântica do real humano em busca de uma apropriada ética da verdade.

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on the theme of Adam and Eve, based on well-known authors whose texts present aspects that deal with mythology as Christian ideology, questioning them from the contemporary scientific knowledge point of view in coalition with the senses of an updated network of analytical operators based on a metalanguage worried with the biopsychophysical expression of real human semantics in search of an appropriate ethics of truth.